

Relações entre Bem-Estar Subjetivo, Religiosidade e Relacionamentos
Interpessoais na Adolescência

Doralúcia Gil da Silva

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em
Psicologia Clínica – Ênfase em Avaliação Psicológica – sob orientação da
Prof^ª. Dra. Débora Dalbosco Dell’Aglío

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Porto Alegre, março de 2016.

SUMÁRIO

Resumo.....	4
Capítulo I	
Introdução	5
1.1 Bem-estar subjetivo	6
1.2 Bem-estar subjetivo na adolescência	10
Capítulo II	
Método	8
2.1 Participantes	8
2.2 Instrumentos	8
2.3 Procedimentos	9
Capítulo III	
Resultados e Discussão.....	9
Capítulo IV	
Considerações Finais.....	15
Referências.....	17
Anexos	
Anexo A.....	22
Anexo B.....	23
Anexo C.....	25

Lista de Tabelas

- Tabela 1. Escores Brutos e Padronizados de Satisfação de Vida, Afetos Positivos, Afetos Negativos e do Índice de Bem-estar.....
- Tabela 2. Médias e Desvio-Padrão das Variáveis Investigadas por Grupo.....

Resumo

A avaliação do bem-estar subjetivo em adolescentes justifica-se pela importância de evidências sobre elementos que o compõem e de como promover tal aspecto de saúde em etapas iniciais do desenvolvimento. Assim, este trabalho teve por objetivo discutir as relações entre bem-estar subjetivo, religiosidade e relacionamentos interpessoais, através das dimensões da satisfação de vida, satisfação com a família e com os amigos, em adolescentes de escolas públicas de Porto Alegre. Foram aplicadas uma ficha de dados sociodemográficos, a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida e a Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes em 420 estudantes (média de idade 14,91 anos; DP=1,65) de escolas públicas de Porto Alegre. Os resultados apontaram médias mais alta de BES entre adolescentes que relataram ter religião, ter maior satisfação com a família e com as amizades, bem como correlações significativas entre possuir alguma religião e as dimensões satisfação com a família e satisfação com as amizades. Religiosidade e satisfação com os relacionamentos interpessoais, entre os quais inclui-se a família, são fatores que podem atuar de forma positiva na percepção de BES pelo adolescente. Implicações a respeito da forma de avaliar o bem-estar subjetivo são discutidas.

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo, Adolescência, Relacionamentos interpessoais.

Introdução

A psicologia positiva considera aspectos de saúde das pessoas, de forma a promover e desenvolver condições e capacidades positivas do desenvolvimento saudável (Passareli & Silva, 2007). Entre essas capacidades positivas está o bem-estar, o qual possibilita que as pessoas vivenciem suas vidas de forma prazerosa, com uma melhor percepção de si e dos outros e desfrutem de situações cotidianas e no relacionamento com pares (Passareli & Silva, 2007).

Diener e Scollon (2014) defendem diferentes motivos para estudar o bem-estar. Entre elas está o fato de que, segundo um levantamento realizado em 47 países, com estudantes universitários, a maioria das pessoas elenca a felicidade como a coisa mais importante para si (Diener, 2000). Apesar de o bem-estar ter sido alvo de reflexões ao longo dos séculos, apenas na última metade do século XX foram iniciados estudos empíricos sobre o tema (Diener, 2000). Assim, atualmente as pesquisas fornecem indicadores a respeito do construto e da promoção de bem-estar baseados em evidências científicas (De Neve, Diener, Tay, & Xuereb, 2013).

As concepções teóricas dos estudos sobre bem-estar organizam-se na perspectiva do bem-estar eudemônico (bem-estar psicológico) e hedônico (bem-estar subjetivo-BES). Ryan e Deci (2001) pontuam que a primeira perspectiva propõe que o bem-estar é o pleno funcionamento das potencialidades de uma pessoa, incluindo sua capacidade de pensar e de bom senso. Já a segunda propõe o bem-estar como felicidade, sendo esse avaliado positivamente quando alguém relata altos níveis de satisfação com sua vida, altos níveis de emoções positivas e baixos níveis de emoções negativas. Neste estudo será utilizada a perspectiva hedônica e o conceito de bem-estar subjetivo (BES). Contudo, destaca-se que uma parte dos estudos revisados sobre bem-estar feito com adolescentes utiliza a outra perspectiva e conceito do fenômeno.

Diener (1984) define o BES como uma avaliação cognitiva e emocional a respeito da própria vida feita por uma pessoa. O componente cognitivo corresponde ao conceito de satisfação de vida (SV). A avaliação pode ser feita sobre a vida de forma global, ou sobre os diferentes domínios dela (como família, trabalho, escola). Diener (1984) considera mais adequado avaliar a satisfação de vida a partir dos parâmetros selecionados pelos próprios indivíduos como importantes para afetar o seu bem-estar. O fator afetivo abrange os afetos positivos (AP) e negativos (AN) (Diener, 1984). O afeto positivo é o quanto um indivíduo se sente ativo e entusiasmado, enquanto o afeto

negativo corresponde ao quanto uma pessoa sente estados de humor aversivos como culpa ou raiva (Watson, Clark, & Tellegen, 1988).

Desse modo, o BES insere-se na área de prevenção e promoção em saúde (Diener, 2000), o que justifica seu estudo e promoção em períodos iniciais da vida, principalmente em uma das etapas cruciais para o desenvolvimento social como a adolescência. As pesquisas internacionais e brasileiras têm identificado variáveis associadas ao bem-estar. Sexo e idade mostram ter um papel importante para o fenômeno (Coenders, Casas, Figuer, & González, 2005; Reina, Oliva, & Parra, 2010; Sarriera et al., 2012; Segabinazi, Zorteza, Zanon, Bandeira, Giacomoni, & Hutz, 2012). No entanto, outros aspectos, como a religiosidade e a satisfação com os relacionamentos interpessoais, também desempenham influência na avaliação do BES pelos jovens.

Estudo realizado com 5316 adolescentes de 12 a 16 anos da Espanha, Brasil e Chile (Casas et al., 2015), indica que a religiosidade deve ser considerada na avaliação do bem-estar, conforme as características culturais do local onde foi feita a coleta de dados. Ao mesmo tempo, para outros pesquisadores, a religiosidade contribui tanto para o BES que poderia se configurar como uma nova dimensão da satisfação de vida (Wills, 2009). De fato, há evidências de que BES e religiosidade estão correlacionados, sendo essa última considerada como um saliente componente do primeiro entre adolescentes (Abdel-Khalek, 2010). Em pesquisa realizada com 196 adolescentes de 14 a 16 anos na Turquia, os resultados mostraram relação significativa entre satisfação de vida, afetos positivos e participação em atividades religiosas, não tendo sido encontrada relação significativa dos afetos negativos com a prática religiosa (Eryilmaz, 2015). Esse dado vai ao encontro do achado de que pessoas religiosas têm registrado, em média, índices maiores de BES em relação a pessoas que se declaram sem religião (Silva & Santos, 2013). No caso dos adolescentes, estudo realizado com 1.562 estudantes do Rio Grande do Sul encontrou que maior frequência de prática religiosa estaria associada a maior bem-estar entre jovens (Souza et al., 2012). A hipótese é de que a religiosidade possa agregar respeito e suporte social, além de propósito e significado para a vida, aspectos que podem contribuir para níveis mais altos na avaliação do BES (Silva & Santos, 2013). No entanto, tais estudos não deixam claro de que forma a religiosidade foi avaliada, apenas fazem menção aos jovens responderem se possuem afiliação ou prática religiosa ou não. Algumas pesquisas têm encontrado também associação entre satisfação com a qualidade do relacionamento com a família e religiosidade, em adolescentes. Os resultados destes estudos têm indicado que o envolvimento religioso

familiar pode tornar os laços afetivos mais estreitos, e minimizar os conflitos e desentendimentos intrafamiliares (Becker, Maestri, & Bobato, 2015; Rabinovich, Costa, Lins, & Franco, 2008). A religiosidade ocuparia, então, papel importante na estruturação e organização familiar, sendo também fator protetivo para comportamentos de risco na adolescência (Van der Meer Sanchez, de Oliveira, & Nappo, 2004).

As pesquisas vêm demonstrando outro componente que cumpre papel relevante na avaliação do BES em adolescentes, como a satisfação com os relacionamentos interpessoais, seja na família ou com o grupo de pares. Em estudo realizado com estudantes portugueses foi avaliado BES associado à comunicação com amigos e com os pais. Os adolescentes com médias mais elevadas de BES foram os que obtiveram também índices melhores de comunicação tanto com amigos quanto com os pais, indicando que os jovens mais felizes mantêm relações mais positivas não somente com os pares, mas também com a família (Tomé, Camacho, Matos, & Diniz, 2011). Inclusive, resultados de outro estudo indicaram que a relação dos adolescentes com amigos pode estar associada a mais comportamentos de risco, mas que a relação com os pais pode ser uma variável protetora, associada a maiores índices de satisfação de vida nesta faixa etária (Tomé, Camacho, Matos, & Simões, 2015).

Ainda a respeito do BES e satisfação com relacionamentos interpessoais, em estudo realizado na China foi verificada uma preferência por relacionamentos com familiares mais próximos aos mais distantes, no que se refere à avaliação do BES (Cheng, Li, Leung, & Chan, 2011). Ademais, a valorização do relacionamento com o grupo de pares tem se mostrado um preditor de bem-estar na adolescência, não havendo diferenças nesse aspecto entre sexos e idades (Sarriera et al., 2013; Serafini & Bandeira, 2011). Entretanto, por vezes a satisfação com as amigas recebe maior importância por algum dos sexos, tal como no estudo de Huebner, Drane e Valois (2000), com 5545 estudantes de Ensino Médio estadunidenses, em que as meninas se disseram mais satisfeitas com as amigas do que os meninos. A pesquisa de Souza e Duarte (2013), realizada com 116 adolescentes no centro-oeste brasileiro, também mostrou maior satisfação das meninas com as amigas e apontou que a satisfação com as amigas, com a família e com relacionamentos amorosos em conjunto estão mais relacionados com BES do que uma dessas dimensões isoladamente.

Tendo em vista tais considerações, observa-se que religiosidade e satisfação com os relacionamentos interpessoais, principalmente com a família e amigos, mostram-se bastante associados ao BES em adolescentes. Dessa forma, este estudo teve por objetivo

discutir as relações entre BES, religiosidade e relacionamentos interpessoais, através das dimensões da SV satisfação com a família e com os amigos em amostra de jovens de escolas públicas de Porto Alegre.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 420 adolescentes com idades entre 12 e 18 anos ($M=14,91$; $DP=1,65$), de ambos os sexos (sendo 62% do sexo feminino). Os participantes estudavam desde o sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio de escolas da rede pública de Porto Alegre/ RS, sendo que uma parte deles (9,9%) também relatou que trabalha. A maioria era solteiro (98,8%) e apenas 1,1% referiu viver com companheiro. Em relação à religião, os participantes respondiam se eram adeptos de alguma ou não e identificavam qual era. Como respostas, observou-se que 31,7% dos adolescentes se declararam católicos, 12,4% evangélicos, 5,9% espíritas, 5,4% umbandistas e 44,6% não declararam nenhuma religião.

Instrumentos

Foram utilizados os seguintes instrumentos:

Ficha de Dados Sociodemográficos (Anexo A): para coletar informações como idade, sexo, religião, série escolar, trabalho, configuração familiar, repetência escolar, entre outros.

Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes (EMSVA) (Segabinazi et al., 2010) (Anexo B): escala composta por 52 itens que compõem sete dimensões da satisfação de vida de adolescentes: família, *self*, escola, *self* comparado, não violência, autoeficácia e amizade. As respostas são em escala *Likert* de cinco pontos, variando de 1 (nem um pouco) a 5 (muitíssimo). No estudo original (Segabinazi et al., 2010) foi encontrada uma adequada consistência interna da escala ($\alpha=0,93$).

Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes (EAPNA) (Segabinazi et al., 2012) (Anexo C): Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes (EAPNA) (Segabinazi, Zortea, Zanon, Bandeira, Giacomoni, & Hutz, 2012): a escala constitui-se de 28 adjetivos descritores de estados afetivos subjetivos (14 positivos e 14 negativos), com opções de resposta em escala *Likert* de cinco pontos, variando de "nem um pouco" a "muitíssimo". No estudo de adaptação desse instrumento (Segabinazi et al., 2012), a solução bifatorial produziu o primeiro fator (AP) com *eigenvalue* de 8,1

que explicou 29% da variância total e o segundo fator (AN) com *eigenvalue* de 3,5 que explicou 12,4% da variância total. A consistência interna medida pelo *alfa de Cronbach* foi de 0,88 para as ambas as subescalas.

Procedimentos e Considerações Éticas

Os aspectos éticos que garantem a integridade dos participantes foram assegurados de acordo com legislações brasileiras, tendo como base a Resolução nº 466 (Brasil, Conselho Nacional de Saúde, 2013). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, sob protocolo nº 557.202. Foi realizado contato com a direção das escolas selecionadas por conveniência de diferentes regiões da cidade, as quais assinaram o Termo de Concordância da Instituição. Aos pais dos adolescentes participantes da pesquisa foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como a assinatura de Termo de Assentimento por parte dos jovens. A aplicação dos questionários se deu forma coletiva nas escolas, com duração de aproximadamente 45 minutos.

Resultados

Neste estudo, a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida apresentou escores entre 100 e 256 ($M = 199,6$; $DP = 28,11$) e um índice de consistência interna de 0,87 (*alfa de Cronbach*). Esse mesmo índice foi de 0,89 e 0,88 para as Escalas de Afetos Negativos e Positivos respectivamente, demonstrando consistência satisfatória. A EAP apresentou escores entre 16 e 70 ($M = 50,91$; $DP = 10,88$) e a EAN apresentou escores entre 14 e 63 ($M = 24,77$; $DP = 10,08$).

Para identificar os níveis de AP, AN, SV total e das dimensões de SV, foram somados os itens de AP e AN em separado. Para SV total foram somados os itens da escala, invertendo-se aqueles que pesam negativamente para a satisfação de vida, a exemplo do item 11 “Brigo muito com meus amigos” e do item 20 “É difícil conseguir o que quero”. Da mesma forma, para identificar os níveis de cada dimensão da escala, os itens das dimensões foram somados.

Para verificar os níveis de bem-estar foi construído um Índice de Bem-estar (IBE), utilizando os escores padronizados da Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes (EMSVA) somados aos escores padronizados da Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes (EAPNA), sendo os itens de afetos

negativos invertidos para o cálculo. Para construir o IBE foi feita uma Análise dos Componentes Principais, pois esta permite criar um índice a partir das valências empíricas de seus componentes, ou seja, provenientes dos próprios dados (Field, 2009). Os componentes usados para criar o IBE são provenientes do modelo teórico proposto por Diener (1984), no qual entram a satisfação de vida, afetos positivos e afetos negativos. Além disso, utilizar a EAPNA e a EMSVA em conjunto, as quais foram construídas para adolescentes, representa um avanço na avaliação do bem-estar subjetivo (Segabinazi et al., 2012). A Tabela 1 mostra os escores brutos e padronizados mínimo e máximo do IBE.

Tabela 1. *Escores Brutos e Padronizados de Satisfação de Vida, Afetos Positivos, Afetos Negativos e do Índice de Bem-estar*

	Satisfação de Vida	Afetos Positivos	Afetos Negativos	Índice Bem- estar
Escore Bruto				
Mínimo	100	16	14	69
Máximo	256	70	63	311
Média	199,60	50,91	24,77	225,72
<i>DP</i>	28,11	10,88	10,08	42,88
Escore Padronizado				
Mínimo	-1,52	-2,42	-0,86	-3,37
Máximo	1,73	1,94	1,41	2,78
Média	-0,00	-0,01	0,01	-0,00
<i>DP</i>	0,56	0,76	0,44	1,00

Quanto à religiosidade, foi observado que 55,4% dos adolescentes informaram possuir alguma religião. A partir disso, foram realizadas análises (teste *t*), para verificar diferenças nos escores das variáveis de interesse por grupo (com ou sem religião). Os dados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2. *Médias e Desvios-Padrão das Variáveis Investigadas por Grupo*

Variáveis	Com religião (n= 293)	Sem religião (n= 127)	<i>t</i>	<i>p</i>
Satisfação de Vida Total	<i>M</i> = 201,76 (<i>DP</i> = 26,55)	<i>M</i> = 194,33 (<i>DP</i> = 30,96)	-2,49	0,013
Satisfação com a Família	<i>M</i> = 40,03 (<i>DP</i> = 8,42)	<i>M</i> = 37,48 (<i>DP</i> = 9,70)	2,57	0,011
Satisfação com Amizades	<i>M</i> = 34,85 (<i>DP</i> = 4,38)	<i>M</i> = 33,65 (<i>DP</i> = 5,10)	-2,30	0,022
Afetos Positivos	<i>M</i> = 51,82 (<i>DP</i> = 10,35)	<i>M</i> = 48,96 (<i>DP</i> = 11,70)	-2,49	0,013
Afetos Negativos	<i>M</i> = 24,03 (<i>DP</i> = 9,35)	<i>M</i> = 26,56 (<i>DP</i> = 11,45)	2,19	0,029

Discussão

Primeiramente, é importante salientar que, apesar de muitos trabalhos na área do bem-estar, as definições conceituais e suas operacionalizações em termos de medida ainda são diversas (Albuquerque & Tróccoli, 2004; Scorsolini-Comin & Santos, 2010). Além disso, a avaliação da religiosidade também tem se mostrado diversa entre os estudos, o que dificulta uma maior precisão do tema e dos dados encontrados. Segundo Pearce e Denton (2011), a forma ideal para avaliar religiosidade seria considerando o contexto, a conduta e a centralidade da prática religiosa na vida do indivíduo, elementos que não são contemplados nas pesquisas. Neste estudo, apenas foi considerado se o participante tinha alguma religião ou não, sendo que 30% deles indicaram não possuir religião. Casas et al. (2015) também apontam que a inclusão de itens sobre satisfação com a religiosidade pode ser relevante ou não dependendo do contexto sociocultural dos participantes da pesquisa, especialmente quando ela é realizada em mais de um país.

A análise dos resultados indicou médias mais alta de BES entre quem relatou ter alguma religião, semelhante aos dados encontrados por outros pesquisadores (Abdel-Khalek, 2010; Silva & Santos, 2013; Souza et al., 2012). Com efeito, quanto à religiosidade, cabe ressaltar a discussão de que essa compõe uma das dimensões da satisfação de vida, o que justifica considerá-la como um elemento importante na

avaliação de BES de adolescentes (Sarriera et al., 2014). Dada sua relevância e associação com o BES também encontrada neste estudo, aponta-se que tal evidência tem sido explicada pelo fato de que vivenciar a religiosidade proporciona suporte social, propósito e significado para a vida, fatores que incrementam o BES (Silva & Santos, 2013).

A religião parece cumprir um papel positivo no desenvolvimento, considerando que sua vivência é considerada fator protetivo para comportamentos de risco na adolescência (Van der Meer Sanchez, de Oliveira, & Nappo, 2004). Há evidências de que os jovens experimentam mais bem-estar subjetivo quando se envolvem em atividades religiosas, pois nos locais dessas práticas encontram amigos, sentem-se seguros, são auxiliados quando estão passando por situações estressoras e sentem esperança (Eryilmaz, 2015). A prática de alguma religião também tem sido associada à adoção de comportamentos saudáveis, como atividades físicas, cuidar da saúde e não uso de álcool e outras drogas, devido à adesão de hábitos e estilo de vida relacionados com as religiões adotadas (Bezerra, Barros, Tenório, Tassitano, Barros, & Hallal, 2009; Rew & Wong, 2006). Esses aspectos de saúde, por sua vez, estão relacionados com bem-estar e satisfação com a vida (Park, 2004) e efeitos positivos na saúde mental dos adolescentes (Chatters, Mattis, Woodward, Taylor, Neighbors, & Grayman, 2011). O envolvimento com religião, em geral, é influenciado ou estimulado pela própria família do adolescente, o que tem sido evidenciado como uma forma de tornar os laços afetivos mais estreitos, e minimizar os conflitos e desentendimentos intrafamiliares (Becker, Maestri, & Bobato, 2015; Rabinovich, Costa, Lins, & Franco, 2008). Pesquisa internacional longitudinal realizada com adolescentes portugueses (Marques, S. C., Lopez, S. J., & Mitchell, 2013) indicou correlação entre religiosidade e fé e satisfação de vida total, mesmo não esses fatores não estavam associados à prática religiosa. Um estudo realizado com adolescentes chineses (Yuen, 2013) e outro estudo realizado com adolescentes americanos (Shannon, Oakes, Scheers, Richardson & Stills, 2013) também encontraram essa correlação. Os resultados dessas pesquisas vão ao encontro dos achados relatados neste trabalho, demonstrando que adolescentes que se apresentam índices mais altos de religiosidade podem apresentar maiores níveis de satisfação de vida.

Apesar da falta de consenso na forma de avaliação da religiosidade entre os adolescentes nas pesquisas, ter ou não religião pode servir como indicador da religiosidade e relaciona-se positivamente ao BES. Nesse sentido, são necessários mais

estudos que avaliem religiosidade de forma mais precisa e sistemática, buscando compreender como se manifesta na adolescência, a exemplo da proposição de Pearce e Denton (2011). Dessa forma, deve-se analisar com cautela os resultados encontrados no presente estudo e em outras pesquisas, tendo em vista que as diferenças encontradas nas relações entre o bem-estar e religiosidade podem estar relacionadas aos diferentes conceitos, instrumentos e metodologias utilizadas para sua avaliação.

Por outro lado, com relação à avaliação específica do bem-estar, as pesquisas mostram evidências de que é possível mensurá-lo adequadamente e esse se mostra alto entre os adolescentes, apesar dos diferentes conceitos e instrumentos utilizados na área (Casas et al., 2015, Segabinazi et al., 2012). Os altos níveis de BES observados entre os adolescentes podem ser explicados pelo fato de que maioria dos jovens elenca a felicidade como muito importante em suas vidas (Diener, 2000), sendo algo almejado para lidar com as demandas da vida de forma mais positiva e adaptativa (De Neve et al., 2013). Desse modo, torna-se importante compreender com maior precisão o que os adolescentes levam em consideração ao avaliar seu bem-estar, com o intuito promover o desenvolvimento positivo, uma vez que a presença de BES é recorrentemente associada à saúde e qualidade de vida (Passareli & Silva, 2007; Park, 2004).

Nesse sentido, destaca-se neste estudo as médias significativamente mais altas em satisfação com a família e com as amizades, assim como as correlações significativas entre possuir alguma religião e as dimensões satisfação com a família e satisfação com as amizades, indicando a importância dessas dimensões para o BES. Esse dado vai ao encontro dos achados da literatura que indicam que as diferentes fontes de relacionamento interpessoal devem ser avaliadas em conjunto (Souza & Duarte, 2013). Souza e Duarte (2013) também sugerem que na avaliação da relação entre bem-estar e amizades devem ser incluídos os demais relacionamentos interpessoais, como os familiares e os amorosos, de modo que sejam investigadas variáveis relevantes associadas aos relacionamentos interpessoais como um todo. Os estudos têm apontado uma grande influência da família e do grupo de pares sobre os adolescentes, os quais podem funcionar como rede de proteção, favorecer o desenvolvimento saudável dos jovens e servir como fonte de apoio social, o que proporciona maior sentimento de bem-estar (Amparo, Galvão, Alves, Brasil, & Koller, 2008; Segabinazi et al., 2012). A valorização das amizades pelos adolescentes, aspecto considerado característico dessa etapa do ciclo vital (Huebner et al., 2000; Sarriera et al., 2013; Serafini & Bandeira, 2011), também incrementa o relato de maior satisfação de vida, tendo em vista que ela

envolve componentes como companheirismo, ajuda, confiança e empatia (Souza & Hutz, 2007).

Dessa forma, ao considerar a implicação da religiosidade, da satisfação com a família e com os amigos no BES em adolescentes, apontam-se evidências de que estas dimensões podem contribuir para a promoção do bem-estar, especificamente para esta faixa etária. Por sua vez, a promoção do BES vai ao encontro da proposta de valorizar aspectos positivos e de proteção dos adolescentes, o que corresponde à retomada do eixo principal da psicologia positiva (Diener, 2000; Diener & Scollon, 2014).

Considerações Finais

Este estudo teve por objetivo discutir as relações entre BES, religiosidade e as dimensões da SV (satisfação com a família e com os amigos), em amostra de adolescentes de escolas públicas de Porto Alegre. As análises realizadas revelaram médias altas de BES entre adolescentes que disseram possuir alguma religião, o que indica que este fator pode atuar de forma positiva na avaliação que o sujeito faz da própria vida. Da mesma forma, aqueles que disseram ter religião tiveram médias significativamente mais altas na satisfação com as amizades e com a família, bem como foram encontradas correlações significativas entre possuir alguma religião e as dimensões satisfação com a família e satisfação com as amizades, indicando a relevância das variáveis religiosidade e relacionamentos na avaliação do BES.

Nesse sentido, incrementa-se a importância das evidências científicas sobre os fatores que compõem o BES de adolescentes, bem como de aspectos que podem ser trabalhados para promovê-lo. Para tanto, é necessária clareza de definição conceitual do bem-estar e da forma como esse irá ser avaliado para uma maior confiabilidade dos dados (Scorsolini-Comin & Santos, 2010). Além disso, são fundamentais estudos que forneçam evidências de validade de construto, concorrente e de fidedignidade, como o de Albuquerque e Tróccoli (2004), assim como pesquisas com amostras de adolescentes como a de Segabinazi et al. (2012, 2010).

No entanto, destaca-se o cuidado ao selecionar a forma de avaliação de BES, que deve considerar o conceito subjacente. O modelo de Diener (1984) tem como pressuposto que a medida é realizada por autorrelato através de diferentes escalas, as quais têm mostrado propriedades psicométricas satisfatórias (Albuquerque & Tróccoli, 2004; Giacomoni & Hutz, 2008; Segabinazi et al., 2010; Segabinazi et al., 2012). No entanto, questiona-se se essa avaliação poderia incluir algum outro tipo de medida que não envolva apenas a percepção do próprio indivíduo, uma vez que a vivência dos afetos se caracteriza por ser mais imediata e subjetiva em resposta a fatores do ambiente, o que torna a avaliação dos afetos mais lábil (Diener, Smith, & Fujita, 1995). Dessa forma, conforme discutem Scorsolini-Comin e Santos (2010), seria importante poder avançar nos estudos de modo a obter dados empíricos que delimitem com mais profundidade o conceito e considerem outras formas pelas quais os adolescentes possam apreender e relatar a percepção do BES.

Como sugestão para futuros estudos, indica-se a continuidade do uso das escalas para avaliação do BES utilizadas na presente pesquisa, a fim de verificar suas propriedades psicométricas e estabilidade da medida do construto. Paralelamente, sugere-se delineamentos que envolvam algum tipo de medida diferente das de autorrelato para poder verificar se entrevistas ou outros métodos qualitativos seriam mais sensíveis a variações pessoais na avaliação do BES e se tais dados qualitativos estariam associados às medidas quantitativas fornecidas pelos instrumentos padronizados.

Destaca-se que os resultados aqui encontrados não podem ser generalizados e que se tornam importantes novos estudos com amostra diversificadas, uma vez que a realidade dos jovens de escolas públicas e privadas tende a ser diversa (Fleith & Alencar, 2006; Jatobá & Bastos, 2007). Além disso, ainda se enfatiza a necessidade de que sejam desenvolvidos instrumentos capazes de avaliar com mais propriedade a religiosidade do indivíduo, assim como seu nível de envolvimento religioso, a fim de investigar a interação dessa variável com o bem-estar na adolescência.

Referências

- Abdel-Khalek, A. M. (2010). Quality of life, subjective well-being, and religiosity in Muslim college students. *Quality of Life Research, 19*(8), 1133-1143. DOI: 10.1007/s11136-010-9676-7.
- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20*(2), 153-164. DOI: 10.1590/S0102-37722004000200008
- Amparo, D. M., Galvão, A. C. T., Alves, P. B., Brasil, K. T., & Koller, S. H. (2008). Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: Redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. *Estudos de Psicologia, 13*(2), 165-174. DOI: 10.1590/S1413-294X2008000200009
- Becker A. P. S., Maestri, T. P., & Bobato, S. T. (2015). Impacto da religiosidade na relação entre pais e filhos adolescentes. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 67*(1), 84-98.
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde (2013). *Diretrizes e normas para pesquisa envolvendo seres humanos. RESOLUÇÃO Nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Brasília: Diário Oficial da União; Poder Executivo, publicado em 13 jun. 2013. Seção I, p.59-62.
- Casas, F., Alfaro, J., Sarriera, J. C, Bedin, L., Grigoras, B., Bălțătescu, S., Malo, S., & Sirlopú, D. (2015). El bienestar subjetivo en la infancia: Estudio de la comparabilidad de 3 escalas psicométricas en 4 países de habla latina. *Psicoperspectivas, 14*(1), 6-18. DOI: 10.5027/psicoperspectivas-Vol14-Issue1-fulltext-522
- Casas, F., Sarriera, J. C., Alfaro, J., González, M., Bedin, L., Abs, D., Figuer, C., & Valdenegro, B. (2015). Reconsidering life domains that contribute to subjective well-being among adolescents with data from three countries. *Journal of Happiness Studies, 16*(2), 491-513. DOI: 10.1007/s902-014-9520-9
- Chatters, L. M., Mattis, J. S., Woodward, A. T., Taylor, R. J., Neighbors, H. W., & Grayman, N. A. (2011). Use of ministers for a serious personal problem among African Americans: Findings from the national survey of American life (NSAL). *American Journal of Orthopsychiatry, 81*(1), 118-127.
- Cheng, S. T., Li, K. K., Leung, E. M. F. & Chan, A. C. M. (2011). Social exchanges and subjective well-being: Do sources of positive and negative exchanges matter?

- Journals of Gerontology Series B-Psychological Sciences and Social Sciences*, 66(6), 708-718. DOI: 10.1093/geronb/gbr061.
- Coenders, G., Casas, F., Figuer, C., & González, M. (2005). Relationships between parents' and children's salient values for future and children's overall satisfaction. A comparison across countries. *Social Indicators Research*, 73, 141-177. DOI: 10.1007/s11205-004-3233-0
- De Neve, J. E., Diener, E. Tay, L., & Xuereb, C. (2013). The objective benefits of subjective well-being. In J. Helliwell, R. Layard, & J. Sachs (Eds.), *World Happiness Report 2013* (pp.54-79). New York: UN Sustainable Development Solutions Network.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.
- Diener, E. (2000). Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist*, 55(1), 34-43. DOI: 10.1037/0003-066X.55.1.34
- Diener, E., & Scollon, C. (2014). The what, why, when, and how of teaching the science of subjective well-being. *Teaching of Psychology*, 41, 175-183. DOI: 10.1177/0098628314530346
- Diener, E., Smith, H., & Fujita, F. (1995). The personality structure of affect. *Journal of Personality & Social Psychology*, 69, 130-141.
- Eryilmaz, A. (2015). Investigation of the relations between religious activities and subjective well-being of high-school students. *Educational Science-Theory & Practice*, 15(2), 433-444. DOI: 10.12738/estp.2015.2.2327
- Fleith, D. S., & Alencar, E. M. L. S. (2006). Percepção de alunos do ensino fundamental quanto ao clima de sala de aula para criatividade. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 513-521.
- Giacomoni, C. H., & Hutz, C. S. (2008). Escala multidimensional de satisfação de vida para crianças: Estudos de construção e validação. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(1), 23-35. DOI: 10.1590/S0103-166X2008000100003
- Huebner, E. S., Drane, W., & Valois, R. F. (2000). Levels and demographic correlates of adolescent life satisfaction reports. *School Psychology International*, 21, 281-292. DOI: 10.1177/0143034300213005
- Jatobá, J. D. V. N., Bastos, O. (2007). Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56(3), 171-179. DOI: 10.1590/S0047-20852007000300003

- Marques, S. C., Lopez, S. J., & Mitchell, J. (2013). The role of hope, spirituality and religious practice in adolescents' life satisfaction: Longitudinal findings. *Journal of Happiness Studies*, *14*(1), 251-261. DOI: 10.1007/s10902-012-9329-3
- Park, N. (2004). The role of subjective well-being in positive youth development. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, *591*(1), 25-39. DOI: 10.1177/0002716203260078
- Passareli, P. M., & Silva, J. A. (2007). Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *24*(4), 513-517. DOI: 10.1590/S0103-166X2007000400010
- Pearce, L., & Denton, M. L. (2011). A faith of their own: Stability and change in the religiosity/spirituality and adolescent health attitudes and behaviors. *Journal of Adolescent Health*, *38*, 433-442.
- Rabinovich, E. P., Costa, L. A. F., Lins, A., & Franco, S. (2008). Famílias evangélicas baianas e o processo de nomeação. *Psicologia e Sociedade*, *20*(3), 417-424. DOI: 10.1590/S0102-71822008000300012
- Reina, M. C., Oliva, A., & Parra, A. (2010). Percepciones de autoevaluación: Autoestima, autoeficacia y satisfacción vital en la adolescencia. *Psychology, Society, & Education*, *2*, 55-69.
- Rew, L., & Wong, Y. J. (2006). A systematic review of associations among religiosity/spirituality and adolescent health attitudes and behaviors. *Journal of Adolescent Health*, *38*, 433-442.
- Ryan, R. M. & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, *52*, 141-166. DOI: 10.1146/annurev.psych.52.1.141
- Sarriera, J. C., Casas, F., Alfaro, J., Bedin, L., Strelhow, M. R. W., Abs, D., Valdenegro, B., García, C., & Oyarzún, D. (2014). Psychometric properties of the personal wellbeing index in Brazilian and Chilean adolescents including spirituality and religion. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *27*(4), 710-719. DOI: 10.1590/1678-7153.201427411
- Sarriera, J. C., Paradiso, A. C., Abs, D., Soares, D. H., Silva, C. L. E., & Fiuza, P. J. (2013). O bem-estar pessoal dos adolescentes através do seu tempo livre. *Estudos de Psicologia*, *18*, 285-295. DOI: 10.1590/S1413-294X2013000200014
- Sarriera, J. C., Saforcada, E., Tonon, G., Vega, L. R. L., Mozobancyk, S., & Bedin, L. (2012). Bienestar subjetivo de los adolescentes: Un estudio comparativo entre

- Argentina y Brasil. *Psychosocial Intervention*, 21, 273-280. DOI: 10.5093/in2012a24
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). Avaliação do bem-estar subjetivo (BES): Aspectos conceituais e metodológicos. *Interamerican Journal of Psychology*, 44(3), 442-448.
- Segabinazi, J. D., Giacomoni, C. H., Dias, A. C. G., Teixeira, M. A. P., & Moraes, D. A. O. (2010). Desenvolvimento e validação preliminar de uma escala multidimensional de satisfação de vida para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(4), 653-659. DOI: 10.1590/S0102-37722010000400009
- Segabinazi, J. D., Zortea, M., Zanon, C., Bandeira, D. R., Giacomoni, C. H., & Hutz, C. S. (2012). Escala de afetos positivos e negativos para adolescentes: Adaptação, normatização e evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, 11(1), 1-12.
- Serafini, A. J., & Bandeira, D. N. (2011). A influência da rede de relações, do *coping* e do neuroticismo na satisfação de jovens estudantes. *Estudos de Psicologia*, 28(1), 15-25. DOI: 10.1590/S0103-166X2011000100002
- Shannon, D. K., Oakes, K. E., Scheers, N. J., Richardson, F. J., & Stills, A. B. (2013). Religious beliefs as moderator of exposure to violence in African American adolescents. *Psychology of Religion and Spirituality*, 5(3), 172. DOI: 10.1037/a0030879
- Silva, J. A. & Santos, R. C. (2013). Bem-estar subjetivo, educação, inteligência e religião. *Temas em Psicologia*, 21(2), 519-523. DOI: 10.9788/TP2013.2-17.
- Souza, L. D. D. M., Maragalhoni, T. D. C., Quincoses, M. T., Jansen, K., Cruzeiro, A. L. S., Ores, L., & Pinheiro, R. T. (2012). Bem-estar psicológico de jovens de 18 a 24 anos: Fatores associados. *Cadernos de Saúde Pública*, 28(6), 1167-1174. DOI: 10.1590/S0102-311X2012000600015
- Souza, L. K., & Duarte, M. G. (2013). Amizade e bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 429-436. DOI: 10.1590/S0102-37722013000400009
- Souza, L. K. de, & Hutz, C. S. (2007). A qualidade da amizade: Adaptação e validação dos Questionários McGill. *Aletheia*, 25,82-96. DOI: 10.1590/S0102-37722013000400009
- Streck, G. I. (2013). Adolescentes e religiosidade: Aportes para o Ensino Religioso na escola. *Estudos Teológicos*, 46(2), 60-73.

- Tomé G., Camacho I., Matos M. G., & Simões C. (2015). Influence of family and friends in wellbeing and risk behavior: Explanatory model. *Psicologia, Saúde & Doenças, 16*(1), 23-34. DOI: 10.15309/15psd160104.
- Tomé, G., Camacho, I., Matos, M. D., & Diniz, J. A. (2011). A influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24*(4), 747-756. DOI: 10.1590/S0102-79722011000400015
- Van der Meer Sanchez, Z., de Oliveira, L. G., & Nappo, S. A. (2004). Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. *Ciência & Saúde Coletiva, 9*(1), 43-55. DOI: 10.1590/S1413-81232004000100005
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*(6), 1063-1070. DOI: 10.2307/2137092
- Wills, E. (2009). Spirituality and subjective well-being: Evidences for a new domain in the personal well-being index. *Journal of Happiness Studies, 10*(1), 49-69. DOI: 10.1007/S10902-007-9061-6
- Yuen, C. Y. (2013). Ethnicity, level of study, gender, religious affiliation and life satisfaction of adolescents from diverse cultures in Hong Kong. *Journal of Youth Studies, 16*(6), 776-791. DOI: 10.1080/13676261.2012.756973

ANEXO A

Ficha de Dados Sociodemográficos

Código: _____ Data: ___/___/___ Escola: _____

Que série/ano você está? _____

Data Nascimento: ___/___/___ Idade: _____ anos

Sexo: () masculino () feminino

Quem mora na sua casa? Você pode marcar mais de uma opção.

() mãe

() pai

() irmã(o)s

() irmã(o)s por parte de pai ou mãe (meio-irmãos)

() tio(a)s

() mãe de criação ou adotiva

() pai de criação ou adotivo

() madrasta

() padrasto

() avôs

() namorado(a) ou companheiro(a)

Trabalha? () Não () Sim, o que faz? _____

Há quanto tempo você trabalha? _____ anos e _____ meses

Quantas horas por semana você trabalha? _____

Se você trabalha, qual sua renda mensal? R\$ _____.

Você é:

() solteiro(a)

() casado(a)

() mora junto

() separado(a)

() viúvo(a)

Você já reprovou (“rodou”) na escola? () Não () Sim Quantas vezes? _____

Você já foi expulso de alguma escola? () Não () Sim Quantas vezes? _____

Por quê? () Brigas () Faltas () Outro: _____

Você alguma vez já teve que parar de estudar para trabalhar? () Não () Sim.

ANEXO B

ESCALA MULTIDIMENSIONAL DE SATISFAÇÃO DE VIDA PARA ADOLESCENTES

(EMSV A; Segabinazi et al., 2010)

“Gostaríamos de saber o que você pensa sobre a sua vida e coisas que fazem parte dela. Por exemplo: como você tem se sentido ultimamente? O que você gosta de fazer? Para cada frase escrita abaixo você deve escolher um dos números que melhor representa o quanto você concorda com o que esta frase diz sobre você”.

Exemplo:

	nem um	pouco	um pouco	mais ou	menos	bastante	muitíssimo
Eu gosto de ir ao shopping.	1	2	3	4	5		

	1	2	3	4	5
1. Eu me divirto com muitas coisas.					
2. Os outros adolescentes têm mais amigos do que eu.					
3. Sou compreendido em casa.					
4. Eu fico feliz quando a minha família se reúne.					
5. Vou atrás do que quero conquistar.					
6. Meus amigos passeiam mais do que eu.					
7. Eu me relaciono bem com meus amigos.					
8. Minha família se dá bem.					
9. Eu gosto das atividades da escola.					
10. Eu sorrio bastante.					
11. Brigo muito com meus amigos.					
12. Eu me divirto com meus amigos.					
13. Eu sou uma pessoa bem humorada.					
14. Mantenho a calma.					
15. Minha família me faz feliz.					
16. Eu gostaria que meus amigos fossem diferentes.					
17. Meus amigos podem fazer mais coisas do que eu.					
18. Eu me divirto na escola.					
19. Consigo expressar minhas ideias.					
20. É difícil conseguir o que quero.					

21. Brigar resolve problemas.					
22. É bom sair com meus amigos.					
23. Tenho um convívio bom com a minha família.					
24. Gosto de sair para me divertir.					
25. Meus amigos se divertem mais do que eu.					
26. Eu sou alegre.					
27. Faço o que gosto de fazer.					
28. Tenho sucesso em atividades que realizo.					
29. Outros adolescentes ganham mais presentes do que eu.					
30. Meus professores são legais comigo.					
31. Eu sou inteligente.					
32. Os outros adolescentes são mais alegres do que eu.					
33. Gosto de brigas.					
34. Eu me divirto com a minha família.					
35. Gosto de conversar com meus amigos.					
36. Eu sou feliz.					
37. Eu me sinto calmo, tranquilo.					
38. Eu sou divertido.					
39. Meus pais são carinhosos comigo.					
40. Eu gosto de ir à escola.					
41. Eu me sinto bem do jeito que sou.					
42. Gostaria que minha família fosse diferente.					
43. Sou irritado.					
44. Meus amigos gostam de mim.					
45. Eu me sinto bem na minha escola.					
46. Eu aprendo muitas coisas na escola.					
47. Eu me considero uma pessoa descontraída.					
48. Meus amigos me ajudam quando preciso.					
49. Minha família gosta de mim.					
50. Minha família me ajuda quando preciso.					
51. Sou capaz de realizar muitas coisas.					
52. Gosto da minha vida.					

ANEXO C

ESCALA DE AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS PARA ADOLESCENTES (EAPNA; Segabinazi et al., 2012)

“Gostaríamos de saber como você tem se sentido ultimamente. Não há respostas certas ou erradas. O que é realmente importante é que você responda com sinceridade a cada item. Esta escala consiste de um número de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Leia cada item e depois marque um X na resposta que você acha que é a melhor para você. Por favor, tome cuidado para não esquecer de marcar nenhum item. Veja a frase do exemplo: ‘Eu estou me sentindo feliz’. Se você se sente muitíssimo feliz, marque 5. Se você se sente apenas um pouco feliz, marque 2. E assim por diante”.

Exemplo:

	nem um pouco	um pouco	mais ou menos	bastante	muitíssimo
Eu estou me sentindo feliz.	1	2	3	4	5

	1	2	3	4	5		1	2	3	4	5
1. Alegre						15. Disposto					
2. Amoroso						16. Divertido					
3. Amedrontado						17. Feliz					
4. Animado						18. Furioso					
5. Assustado						19. Humilhado					
6. Carinhoso						20. Impaciente					
7. Chateado						21. Interessado					
8. Competente						22. Irritado					
9. Contente						23. Magoado					
10. Corajoso						24. Perturbado					
11. Culpado						25. Preocupado					
12. Decidido						26. Satisfeito					
13. Deprimido						27. Triste					
14. Desanimado						28. Valente					